

CEDI - P. I. B.
DATA 21/10/78
COD 212551

Tél. (037) 551248

1678 VILLARABOUD

Relatorio relativo aos Indios de Campos Novos do rio 12 de outubro desde o initio do projeto E 78/212.55-1 em 1978

Os NHAMBIQUARAS :

Em prosseguimento ao trabalho desta segunda etapa, eu cheguei a visitar os Nhambiquaras de Campos Novos, ao norte da BR 364, nas margens do rio 12 de outubro.

Ha anos que eu conheço esses Indios; eles tambem aguardavam a minha chegada e logo fizeram a festa quando eu cheguei, dia 8 de dezembro de 1.980.

Em 1.978 foi o começo do projeto E 78/ 212-55.1 e, pela primeira vez, foi entao levado lá gado, assim como ferramentas, machados, facas, sementes de batatas, tomates, arroz, e milho. Eles estavam muito felizes.

Agora, em 1.980, é preciso saber qual é o interesse e o apego que eles trouxeram a esse desenvolvimento, e isso antes de programar uma terceira etapa.

Os Nhambiquaras do projeto E 78/ 212-55.1 encontraram-se sozinhos frente a sua sorte

a partir de 1.978, devendo assumir suas próprias responsabilidades. Como os outros Índios, eles, no fundo, continuam dando muita importância a sua cultura e ao tipo de vida que eles tiveram desde milhares de anos, apesar de que certos aspectos superficiais poderiam deixar pensar numa rápida integração no nosso tipo de civilização. Até hoje, parece que eles não optaram pelo nosso sistema; pelo contrário, sua vida ancestral continua, apenas assimilando os novos recursos, novas ferramentas e novos meios de ação que tomam um pouco de sua liberdade. Em realidade, é o mesmo tipo de existência, que somente aumentou um pouco de volume e de motivação, mas deixando intactos os valores de origem; parece que o novo material não modificou o essencial do indivíduo nem das tradições. E isto é uma felicidade, pois a natureza desses Índios parece aceitar as novidades materiais sem que seja transformado o que já existia antes. A boa vontade de um Branco não teria sido suficiente para assim gerar uma justa proporção, nem teria permitido ao Índio encontrar o seu próprio caminho.

Habitação: Em 1.978, a aldeia encontrava-se no lugar de uma antiga fazenda, onde os horizontes eram vastos e livres, com poucas árvores para permitir a proteção contra o sol ardente; mas isto favorecia um tipo de exploração mecanizada. Como isto não correspondesse as suas necessidades, eles queimaram as roças e as abandonaram em 1.979, para construir uma nova aldeia dentro de uma mata ligeira, perto de uma nascente de água pura e importante, de forma que não falta a lenha para aprontar a comida e as árvores protegem as casas do sol, das tempestades e das pesadas chuvas. Construíram as casas, algumas como fazem os seringueiros, com tabuas de paixiuba e placas de folhas de flandres recuperadas da antiga casa do missionário americano, outras tradicionais com um teto de folhas de buriti ou palmeiras fixado sobre 4 postes.

Gado: Aumentou o número de gado, passando para 11 cabeças, contra 7 em 1.978. O rebanho conta agora 4 vacas, 3 novilhos, 1 bezerro e 3 touros e faz parte da aldeia. O cercado, feito com arame farpado, encontra-se pertinho das casas, permitindo ao gado pernoitar no lugar e aos Índios tirar o leite sem problema. É certo que a quantidade de leite é pouca, por falta de conhecimentos nesta matéria, mas proporciona às famílias, revezando-se, uma alimentação de base. Durante o dia, eles levam o rebanho até os pastos da fazenda. O cavalo morreu, possivelmente envenenado por grama ruim, ou porque não conseguiu aclimatar-se.

Borracha: Outra atividade surgiu em Campos Novos: a colheita da borracha, tirada da hevea. A quantidade produzida é mínima, aproximadamente um lote de 20 quilos por família e cada um / dois meses, mas é uma atividade livremente desenvolvida. A mercadoria é transportada nas costas dos homens durante uns trinta quilômetros até a BR 364 de Cuiabá a Porto Velho, onde comerciantes de poucos escrúpulos a compram a preços nitidamente inferiores ao preço real. E o pouco que os Índios recebem está sendo empregado para comprar ferramentas a preços bem elevados.

Caça : Apesar da sujeição ao gado e à borracha, o Índio fica livre de empregar o seu tempo como bem entender. A ocupação que ele prefere é a caça, com a espingarda ou, com menos frequência com arco e flechas ; assim o tempo escoá calmamente, sem sobresaltos, sem horário predeterminado. A fabricação de colares e pulseiras e anéis faz parte do trabalho da mulher, enquanto que cabe ao homem fazer as cestas e as corbelhas, cuja forma regular não se alterou desde milhares de anos. Muitas vezes vê-se o homem, acompanhado da mulher e das crianças irem à busca, na mata, de revas medicinais, de frutas silvestres ou de mel.

Saúde : O estado de saúde melhorou, com a maior resistência do corpo. Em 1.978, devia-se, cada dia, dar a volta à aldeia para tratar doentes; agora, não há mais necessidade de enfermeiro, basta que alguns remédios contra a malária, a gripe e as dores de cabeça estejam à disposição, sob a responsabilidade de um Índio. A exploração das roças ainda é fraca: um pouco de mandioca, de milho e alguns tomates.

O número de moradores continua sensivelmente igual ao de 1.978, ou seja perto de 80 indivíduos; no correr dos dois últimos anos faleceram 4 pessoas e nasceram 4 recém-nascidos.

O ponto fraco : Ao redor do ano 1.975, chegaram na aldeia de Campos Novos alguns Índios de Aruère ( perto de Vilhena). Esses vizinhos nunca foram bem aceitos, apenas tolerados. E que o Nhambiquara faz parte de uma raça forte, com características bem marcadas, de modo que o casamento com tribos vizinhas é proibido; o Nhambiquara apesar de muito pobre, tem consciência de ser um povo bom , generoso, com uma certa autenticidade e, desde muito diferente dos outros: Mamandé ou Parecis. Enquanto que o Índio de Aruère tem ascendência fraca, de há muito em contato com os Brancos, dos quais ele sobretudo aprendeu a malícia e os vícios, de modo que o Nhambiquara o considera como um ladrão e um mentiroso em que não se pode ter confiança. Ao redor de 1.976, o chefe dos Índios de Aruère havia convidado o capitão dos Nhambiquaras para comer e o envenenou, e o capitão ficou muito doente durante perto de 2 anos.

Quando da primeira etapa do projeto, em 1.978, o gado foi posto sob a responsabilidade do Índio Nhambiquara Otímio, o único que então tinha conhecimentos suficientes. Alguns anos mais tarde, ele foi forçado a deixar o lugar aos Índios de Aruère, então, com alguns amigos, ele foi embora, morar nas margens do rio Camrarès, a 3 dias de caminho. Um pouco mais tarde, um outro grupo de Nhambiquaras também saiu para estabelecer-se nas margens do rio Nhambiquara. As divergências entre esses dois grupos amadureceu e rebentou a partir do momento em que nossa assistência chegou em Campos Novos. É realmente penoso verificar que uma ajuda material gera sentimentos de propriedade privada, de interesse e de ciúmes , os quais vem destruir a harmonia social da tribo.

Em Campos Novos, vivem agora as duas comunidades de Índios, de mais ou menos 20 indivíduos cada uma; a coexistência é pacífica graças à diplomacia do capitão Nham

biquaras, Lage, o qual procura reunir e conciliar as duas tendencuas, evitando<sup>6/</sup> um  
afrontamento.. Parece-me que nos nao podemos intervir nesse conflito. Eles, com  
certeza, encontrarao uma solucao ao modo deles; alias, essa situacao nao deve ser  
considerada como uma tragedia, pois sempre houve rivalidades entre Indios, da mes-  
ma forma que entre todos os povos do mundo. O estalar da aldeia de Campos Novos  
nao é para surpreender, pois o Nhambiquara, alem da dificuldade que ele tem de  
conviver com vizinhos, prefer, naturalmente, ficar em pequenos grupos isolados,  
de 2 ou 3 familias; a historis deste povo prova que ele nunca gostou da concen-  
tração. De uma ceta maneira, a disseminação dos individuos na Reserva permite  
melhor ocupar o terreno disponivel.

---